

Rotulagem de iogurtes no Rio

O termo iogurte representa o produto obtido pela fermentação Láctea através da ação do *Lactobacillus bulgaricus* e do *Streptococcus thermophilus* sobre o leite integral, desnatado ou padronizado.

Resultados

Durante a pesquisa, foi constatado que 100% (n=16) das amostras continham em seus rótulos o registro do Ministério da Agricultura, a data da fabricação, o prazo de validade, a tabela nutricional e os ingredientes usados no produto. Do total de amostras, 6,25% (n=1) não apresentaram recomendações quanto à temperatura adequada para sua conservação e 93,75% (n=15) informavam que o produto deveria ser mantido resfriado em temperatura de 1° C a 10° C. O intervalo de temperatura apresentado nestes, se encontra de acordo com o artigo 684 do RIISPOA, o qual relata que o leite fermentado deve ser conservado em temperatura inferior a 10° C. Os prazos de validade variaram de 35 a 49 dias, sendo o mais citado o de 45 dias.

Quanto ao prazo de validade do produto após sua abertura, 25,0% (n=4) indicavam o consumo imediato; 12,5% (n=2) o consumo em até 1 dia; 12,5% (n=2) em até 3 dias; 12,5% (n=2) em até 5 dias; e 37,5% (n=6) não informavam. Segundo Moreira *et al.* (2001), o cumprimento do prazo de validade pode diminuir o problema de acidez excessiva em iogurtes, uma vez que esta pode ser seguida de outras modificações organolépticas indesejáveis ou mesmo favorecer o desenvolvimento de microrganismos mais tolerantes à acidez. A temperatura e o tempo de armazenamento têm influência na qualidade do produto e muitos dos pontos de venda apresentam condições inadequadas de conservação.

Conclusão

A rotulagem adequada dos produtos embalados fornece informações necessárias ao consumidor e acaba se tornando um elo entre este e o produtor. No entanto, os dados obtidos neste es-



tudo demonstram a presença de algumas falhas referentes às informações de rotulagem dos iogurtes analisados, revelando a necessidade de controle mais efetivo. Também foi constatada a não homogeneidade referente aos prazos de validade, bem como a não apresentação do prazo de validade após a abertura do produto, fatos que podem confundir o consumidor.

É dever dos órgãos responsáveis pela fiscalização coibir e tomar as medidas cabíveis no caso de tais irregularidades, para que seja oferecido ao consumidor um produto compatível com a legislação

brasileira e que não possibilite riscos à saúde da população que deles se utilizam.

Matéria extraída do trabalho *Análise da Rotulagem de Iogurtes Expostos à Venda em Supermercados da Cidade do Rio de Janeiro, Brasil*, de autoria de Ângela da Conceição Lordão, Aline Silva de Mattos (acadêmicas de Medicina Veterinária da UFF); Gabriel Gonçalves, Juliana Magalhães, Laura Reis (acadêmicos de Nutrição, da UNIRIO) e Rinaldini Coralini Philippo Tancredi (Dep. de Tecnologia de Alimentos UNIRIO).

O trabalho foi premiado na Semana Américo Braga, da UFF.

Hipoadrenocorticism primário em um cão

O hipoadrenocorticism é uma doença endócrina pouco comum em cães, resultado da produção adrenal deficiente de mineralocorticóide e/ou glicocorticóide. A destruição do córtex adrenal caracteriza o hipoadrenocorticism primário (doença de Addison) que é a causa mais comum da doença em cães. Esta destruição pode resultar de várias causas; entretanto, um distúrbio auto-imune ou idiopático parece ser o principal fator.

O trabalho descreve um caso de hipoadrenocorticism primário de uma fêmea canina, com seis anos de idade, sem raça definida, atendida no Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Santa Maria (RS).

A cadela apresentava letargia, vômito, anorexia, fraqueza, tremores, poliúria e polidipsia. Há um mês o animal estava sendo tratado para insuficiência renal crônica sem melhora clínica. Nos exames laboratoriais, evidenciaram-se anemia normocítica, normocrômica, azotemia, hiponatremia, hipercalcemia e

hiperfosfatemia e, por meio de radiografia, foi observada microcardia. O diagnóstico foi confirmado pelas alterações eletrolíticas, principalmente por diminuição da relação sódio: potássio e pelo teste de estimulação com corticotrofina, que resultou em baixa concentração plasmática de cortisol pós-estimulação.

Terapia

Após o diagnóstico, iniciou-se terapia com acetato de fludrocortisona, com melhora significativa dos sinais clínicos, depois de dois meses de tratamento.

Matéria extraída de trabalho publicado na revista *Ciência Rural* de set-out, 2007, de autoria dos médicos veterinários Mauren Picada Emanuelli, Sonia Terezinha dos Santos Lopes, Claudete Schmidt, Roberto Marinho Maciel e Carmen Lice Buchmann de Godoy da Universidade Federal de Santa Maria (RS).

Anestesia epidural em cães

Após a tricotomia e a antissepsia rigorosa da região lombossacra, realiza-se um botão anestésico subcutâneo com o auxílio de agulha (40 x 8) com mandril ou Tuohy. Após a flexão espinhal, com o animal em decúbito ventral ou lateral, coloca-se o dedo polegar e médio na tuberosidade ilíaca e o indicador no espaço lombossacro. Na seqüência, introduz-se a agulha através da pele e do tecido subcutâneo, e um pequeno volume de anestésico local é injetado nos ligamentos supraespinhoso, intervertebral e amarelo.

O sucesso da anestesia epidural depende da localização correta do espaço epidural. Para tal, a técnica mais freqüentemente utilizada é a aspiração de uma gota de anestésico depositado no canhão da agulha após a introdução desta através dos ligamentos, devido à pressão negativa do espaço epidural.

Outra técnica consiste em acoplar uma seringa de vidro contendo ar ou solução salina à agulha. A pressão negativa do espaço promove a entrada do conteúdo. Entretanto, o uso de ar nessa técnica pode levar à compressão da medula ou da raiz nervosa, enfisema subcutâneo, introdução de ar por via retroperineal ou embolismo venoso. Dessa forma, o uso de solução salina é mais seguro.

Antes de injetar o(s) fármaco(s), deve ser realizada a tração caudal do êmbolo para confirmar a ausência de líquido ou sangue. O próximo passo é a injeção, em pequenas quantidades e lentamente, sem haver resistência, de até 1 mL/3kg de anestésico local, até o peso de 20 kg. Em animais acima desse peso, adiciona-se 1 mL para cada 10 kg.

Após o bloqueio, o animal deve ser mantido em posição horizontal, decúbito ventral simétrico, com a cabeça ligeiramente mais elevada que o corpo, para difusão simétrica do fármaco.

Para a confirmação do bloqueio, observa-se por menos de um minuto o relaxamento do esfíncter anal externo e da cauda. A perda do reflexo interdígital normalmente se estabelece entre seis e dez minutos, dependendo do fármaco empregado.

Indicações

A anestesia epidural lombossacra tem várias indicações, dentre elas o controle da dor pós-operatória, bem como a realização de procedimentos obstétri-

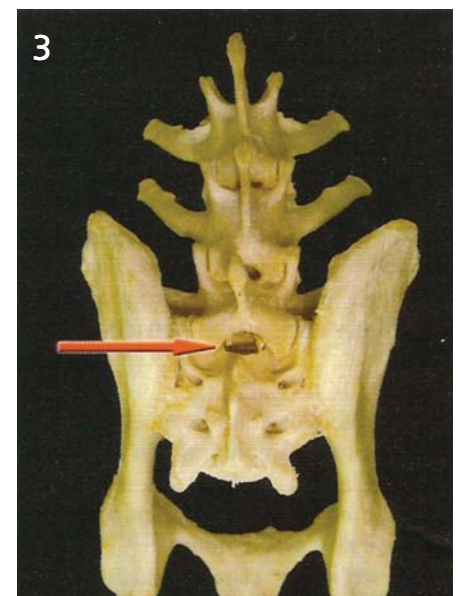
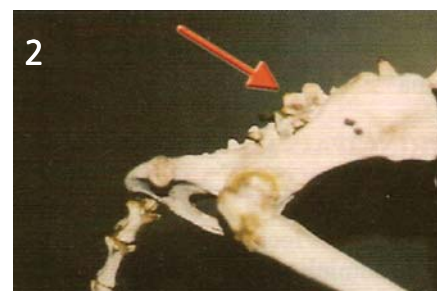
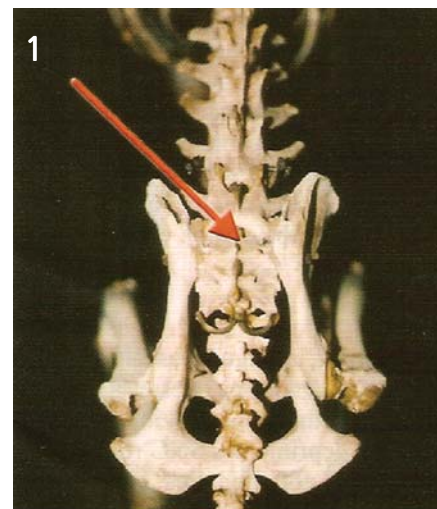


Figura 1: Delimitação anatômica do espaço epidural (vista dorsoventral)

Figura 2: Delimitação anatômica do espaço epidural (vista laterolateral)

Figura 3: Delimitação anatômica do espaço lombossacro (vista caudoventral). Ausência das vértebras coccígeas

cos e ortopédicos em membros pélvicos. É utilizada freqüentemente para procedimentos em períneo, vagina e reto, além de ovariosalpingohisterectomia (OSH), cesariana e cirurgias ortopédicas no quadril e nos membros pélvicos.

Contra-indicações

Não se recomenda a anestesia epidural em casos de hipotensão, choque, anemia e hipovolemia. São contra-indicações absolutas: convulsão, septicemia, síndrome hemorrágica,

meningite, doenças do sistema nervoso central, dermatite local, impossibilidade de punção, impossibilidade de contenção ou animal irascível e alterações anatômicas da coluna.

Matéria extraída de trabalho publicado no número de setembro/outubro da revista *Clínica Veterinária*, sob o título *Anestesia e analgesia por via epidural em cães*, de autoria dos médicos veterinários Yuri Karaccas de Carvalho (mestrando) e Stelio Pacca Loureiro Luna (prof. Dep. Cirurgia) da UNESP - Botucatu.

Homeopatia em vacas leiteiras

A medicina veterinária homeopática começou a se desenvolver no Brasil a partir da década de 80. Antes disso, bem poucos profissionais a praticavam. Em 2000, o Conselho Federal de Medicina Veterinária habilitou a Associação Médico Veterinária Homeopática Brasileira (AMVHB) a conceder títulos de especialista em Homeopatia Veterinária, mas esse tipo de tratamento permanece desconhecido pela maioria dos produtores. É muito mais fácil encontrar um médico veterinário de formação tradicional do que um com especialidade em homeopatia. É possível que essa história mude aos poucos porque os produtores que recorrem à homeopatia vêem vantagens nesse tipo de tratamento. Uma delas é a possibilidade de tratar o gado de uma forma mais natural. “A homeopatia ganhou evidência quando se começou a pensar em segurança alimentar, já que a presença de resíduos tóxicos em alimentos deixados por medicamentos, como os antibióticos, é uma preocupação mundial” afirma o professor da Associação Paulista de Homeopatia, Célio Morooka.

Tratamento

A homeopatia pode tratar um animal individualmente ou o rebanho inteiro. A médica veterinária homeopata Maria do Carmo Arenales, do Laboratório Veterinário Homeopático Fauna e Flora Arenales, considera que é possível usar uma única fórmula homeopática para prevenir e tratar as principais doenças que afetam o rebanho leiteiro. Essa fórmula é colocada junto ao sal oferecido aos animais e, segundo ela, traz resultados expressivos. Mas ela adverte: “não adianta usar a homeopatia sem cuidar do manejo”.

O veterinário homeopata Enaldo de Carvalho Júnior, da Real Saúde e Nutrição Animal, ressalta que as respostas aos medicamentos homeopáticos não são matemáticas e é possível observar resultados diferentes em propriedades e rebanhos distintos.

Matéria extraída da revista Leite DPA de setembro/2007 - sob o título Tratamento pela homeopatia.

Cistite Intersticial em Gatos

Diferentemente do que se observa na espécie canina, na qual as doenças urinárias mais comuns são as infecções bacterianas associadas ou não aos cálculos de bexiga e/ou uretra, na grande maioria dos felinos não se consegue chegar ao agente causal, constituindo-se em verdadeiro desafio diagnóstico para o clínico. Portanto, a etiologia das doenças do trato urinário inferior dos felinos pode ser multifatorial, complexa e muitas vezes indeterminada.

Em 1990, Clasper sugeriu, pela primeira vez, uma provável semelhança entre a doença idiopática do trato urinário inferior dos felinos e a cistite intersticial humana. Tanto a doença urinária felina como a humana caracterizam-se por manifestações clínicas resultantes da inflamação das vias urinárias inferiores, tais como: hematúria, disúria e polaquiúria, sem a definição do agente causal. Desde então, inúmeras pesquisas têm sido realizadas na tentativa de se comprovar essas semelhanças e consolidar o felino como um modelo para o estudo da cistite intersticial humana.

Na medicina veterinária existem correntes favoráveis à utilização do termo cistite intersticial felina (CIF) para aqueles pacientes que comprovadamente demonstrarem características clínicas, laboratoriais e cistoscópicas semelhantes à doença urinária humana, enquanto outros preferem assumir uma postura mais conservadora e continuar a utilizar o termo DITUIF até que se caracterize definitivamente as semelhanças de ambas as doenças urinárias.

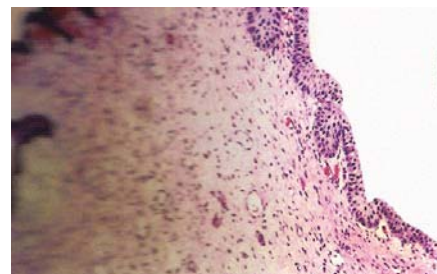
Teorias

Dentre as teorias propostas para explicar a inflamação vesical na cistite intersticial tanto nos gatos quanto nos humanos, incluem-se as infecções virais, a mastocitose vesical e o defeito na camada superficial da mucosa urinária de glicosaminoglicanas. Merecem destaque as evidências de que o processo inflamatório vesical tanto de gatos como de pessoas com CI, seja mediado por neurotransmissores liberados de fibras nervosas vesicais aferentes e/ou eferentes determinando um caráter neurogênico a inflamação vesical, em ambas as espécies.

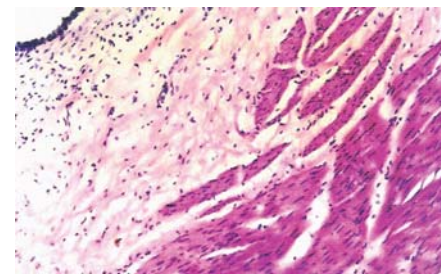
Relatos

Os primeiros relatos da participação do sistema nervoso na patogenia da CI humana datam de 1949, quando foram estudados 223 pacientes com a doença urinária, observando-se um aumento no número de fibras nervosas na lâmina própria da bexiga dos mesmos.

Em estudo realizado em 1957, cogita-se que a dor suprapúbica descrita pelos pacientes com CI seria decorrente de uma possível doença nas raízes nervosas sacrais e que a rizotomia sacral poderia beneficiar esses pacientes. Ainda, a denervação extravesical através da cistólise passa a ser considerada uma alternativa terapêutica para diminuir a dor suprapúbica dos pacientes humanos com CI.



Fotomicrografia de um corte histológico da bexiga de um gato com CI.



Fotomicrografia de um corte histológico da bexiga de um gato hígido.

Mais recentemente, observa-se que pacientes humanos com CI apresentam um aumento no número de fibras nervosas na bexiga, mais precisamente na região subepitelial e camada muscular, o que não pôde ser observado em pacientes que sofriam de outras formas de cistite crônica.

Terapêutica

Considerando-se a provável etiopatogenia neurogênica da inflamação vesical em gatos com CI, bem como a relevante participação do SNS, o clínico deve recomendar aos proprietários de felinos com CI evitar ao máximo situações potencialmente estressantes para o paciente tais como viagens, participações em feiras e exposições, mudanças repentinas no manejo dietético e introdução de novos animais na propriedade.

As drogas que diminuem a liberação de neurotransmissores no SNC, tais como o antidepressivo tricíclico, amitriptilina (Tryptanol, Prodome, Campinas, SP) na dosagem de 2 mg/kg parece controlar os principais sinais e sintomas da CIF. Além disso, a amitriptilina também parece ter efeito na diminuição da inflamação vesical por diminuir a degranulação de mastócitos e conseqüentemente a liberação de substâncias potencialmente vasoativas.

Os principais efeitos colaterais observados com o uso crônico da amitriptilina foram sedação e ganho de peso.

A mudança da dieta também parece diminuir o risco das recidivas dos sinais e sintomas da CIF.

Em estudo recente, concluiu-se que os gatos que ingeriam dietas úmidas comerciais tinham menos recidivas da doença urinária quando comparados aos gatos que ingeriram a mesma dieta só que na forma desidratada - ração seca. Portanto, embora se desconheça o mecanismo pelo qual a dieta poderia “proteger” as vias urinárias inferiores desses pacientes, recomenda-se que os gatos que tenham CI recebam dietas comerciais que proporcionem a formação de urina mais diluída, tais como as dietas comerciais enlatadas.

Matéria extraída de trabalho de autoria de Archivaldo Reche Junior, publicado em Coletâneas em Medicina e Cirurgia Felina, da médica veterinária professora Heloisa Justen M. de Souza.

Dermatofitoses

As dermatofitoses são infecções das células queratinizadas do estrato córneo do pêlo e das unhas e podem ser causadas pelos gêneros *Microsporum*, *Trichophyton* e *Epidermophyton*, que são popularmente conhecidos como “tinhas”.

Nos pequenos animais a dermatofitose geralmente é causada por uma das três espécies dos seguintes fungos: *Microsporum canis*, *Microsporum gypseum* e *Trichophyton mentagrophytes*. A espécie mais comum é o *Microsporum canis*.

Os dermatófitos também podem ser classificados pelo local em que habitam: * zoofílicos: vivem principalmente em animais; * geofílicos: persistem como saprófitos na terra; * antropofílicos: normalmente infectam o homem.

Habitat

O conhecimento do habitat natural do fungo pode auxiliar o diagnóstico e o tratamento.

Os gatos são reservatórios naturais do *M. canis* e podem ser portadores da infecção sem manifestar sintomatologia e, portanto, transmitir a outros seres vivos. O *M. canis* também pode ser encontrado no meio ambiente na forma de esporos e em fômites. Este dermatófito é tão freqüente que causa aproximadamente 85% dos casos clínicos de dermatofitoses.

O *M. gypseum* é normalmente encontrado em terra (geofílico) e pode ser achado transitoriamente na pele e pêlo dos animais que vivem em exteriores. A infecção por este fungo é usualmente adquirida por contato direto com a terra contaminada e uma vez infectado, o animal pode transmitir a outros seres vivos. É pouco comum e representa aproximadamente 5% dos casos.

Reservatórios

Os roedores são o reservatório natural do *T. mentagrophytes* e a infecção pode ocorrer por contato com esses animais, com outras espécies já infectadas ou ainda através de materiais contaminados. Representa entre 10 e 15% dos casos.



Lesões características em cão



Lesões características em gato

M. persicolor é outro dermatófito residente natural e patógeno ocasional em roedores (zoofílico) de ocorrência muito rara em cães e gatos. Além disso, é de difícil diagnóstico, já que infecta o estrato córneo e não o folículo piloso.

Diagnóstico diferencial

Devido à variabilidade dos sintomas clínicos, os diagnósticos diferenciais possíveis incluem várias enfermidades. Deve-se considerar alterações que provoquem crostas, descamação e alopecia, como foliculite bacteriana e furunculose, estado de hipersensibilidade demodíose, enfermidades auto-imunes, distrofia/dislusia folicular e pustulose eosinofílica estéril (enfermidade de Ofugi).

Tratamento

O tratamento da dermatofitose deve ser triplo: tratamento do animal enfermo, dos animais contactantes e do ambiente.

Às vezes, o tratamento do animal enfermo deve ser local e sistêmico.

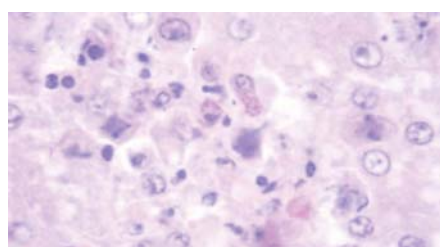
Matéria extraída do artigo Micoses Superficiais - Dermatofitoses, publica no número de mai/jun 2007 da revista Nosso Clínico, de autoria da médica veterinária Laura Delgadillo Keenan.

Hepatite aviária por Corpúsculo de Inclusão (HCI)

A Hepatite por Corpúsculo de Inclusão é uma enfermidade causada pelo adenovírus e está presente em quase todos os países da América Latina. Não existem relatos desta enfermidade no Brasil, sendo um problema prevalente em criações de matrizes pesadas e, principalmente, em frangos de corte.

Em muitos países, as perdas econômicas causadas pela HCI foram de grande magnitude, o que faz com que os envolvidos com esta doença evoluíssem rapidamente no que se refere ao seu diagnóstico e controle. Sendo então, muitas vezes, o diagnóstico fechado pelo histórico clínico, lesões, e histopatologia (presença de corpúsculos de inclusão no tecido hepático).

Para se ter sucesso no programa de controle desta enfermidade, deve-se ter com seguridade quais os



adenovírus envolvidos nos casos (o que pode variar de país para país).

Vacina

As vacinas podem ser produzidas em ovos embrionados ou cultura de tecidos, sendo elas inativadas e, seguramente, são as melhores ferramentas para o controle desta enfermidade.

Matéria extraída de trabalho publicado no nº 1159 da revista *Avicultura Industrial*, da Gessulli Agribusiness, de autoria de Marcelo Zuanaze, gerente técnico do Laboratório Biovet.

Processos éticos (CRMV-RJ)

O estudo abrangeu o período 2000/2005, durante o qual foi observado o registro de 171 denúncias, sendo, em sua maioria, oriundas do público leigo (128=75,0%), seguida da denúncia feita ex-offício (24=14,0%), por médicos veterinários (15=9,0%) e por entidades públicas (4=2,0%). Após a análise feita de forma individualizada pela Comissão de Ética do CRMV-RJ, a grande maioria das denúncias (114=67,0%) careceram de fundamentos e provas que permitissem a sugestão de abertura de processo e na Sessão Plenária decidiu-se pelo arquivamento das mesmas. Do total de registros de denúncias e com base nos instrumentos legais e comprovações previstas no regulamento, foram instaurados 57 (33%) processos ético-profissionais dos quais 18 (10,0%) já foram julgados e 39 (23,0%) ainda estão em andamento nas diversas fases que incluem a instrução e o relatório, de modo a permitir o seu julgamento imparcial.

Do total de processos julgados (18=100%) observou-se que 8 (44%) foram arquivados com sentença favorável ao denunciado sendo a denúncia julgada improcedente e 10 (56,0%) foram julgados como procedentes, e, portanto, passíveis de aplicação das penalidades previstas na Lei nº 5.517/68. Dentre as denúncias julgadas procedentes (10=100%), foi aplicada a censura confidencial em seis (60%) médicos veterinários, a advertência confidencial em três (30%) e a censura pública em um deles (10%).

Matéria extraída de trabalho sob o título CRMV-RJ: Denúncias e processos éticos profissionais ocorridos no período de 2000 a 2005, de autoria dos médicos veterinários Ismar Araújo de Moraes (Conselheiro do CRMV-RJ, Superintendência do Controle de Zoonoses da prefeitura do Rio de Janeiro e UFF); Renata Neves Ignácio (Conselheira do CRMV-RJ) e Cristina Silva Grootenboer (Conselheira do CRMV-RJ e funcionária da Secretaria de Agricultura do RJ).